

3-9-59

A CRÔNICA de Rubem Braga

SUJEIRA

CARYBÉ me explicou porque não levava aquêle grupo de turistas do Rio a visitar a Feira de Água de Meninos, em Salvador:

— Eles já tinham se assustado com a sujeira no Mercado; imagine na Feira...

E tinha razão: não seria preciso que os turistas fôsem grã-finos, como acontece que eram, para ficarem chocados com a lama e o sujo da Feira. Pena, porque ela é realmente muito interessante, e ali é que se pode comprar as coisas mais bonitas e originais da arte do povo, inclusive a cerâmica vinda de Sergipe.

Muitos dos que foram encerrar a exposição de Cicero Dias almoçaram alegremente no Mercado, no restaurante da finada Maria de São Pedro, mas houve senhoras que perderam o apetite só de ver os talheres. Direis que isso é luxo de gente que não quer ter contato com o povo, e que ali mesmo, como é, é que é gostoso comer a verdadeira comida baiana. E eu vos direi que não. Já tenho comido mais ou menos de tudo, mais ou menos em tôda parte no Brasil; já comi em chinas, freges e botecos mil, pensões do interior do Piauí e boates de luxo do Rio; já me alimentei uma semana só de jabá guardado em saco de estôpa e não sou homem de nenhum luxo, mas ninguém me diga que não é bem melhor comer com bom talher, toalha e prato limpos, em ambiente limpo, que não acredito. A Feira de Água de Meninos não perderia nada de seu pitoresco se o chão no lugar de lama fôsse cimento, e permitisse uma vigorosa lavada diária, nem o Mercado teria menor encanto se suas ruas internas fôsem mais largas e limpas. Turista nenhum gosta de sujeira; nem turista nem o povo mesmo, muito menos o povo da Bahia, com sua tradição excelente de limpeza individual.

Acho que é preciso pensar nessas coisas quando se pensa em turismo, e reconhecer que temos muitos hábitos a rever e falhas a corrigir, a começar pela legislação municipal que, no Rio, permite a cafés e restaurantes instalações sanitárias e cozinhas estreitas e anti-higiênicas, muitas vezes com um cordial intercâmbio de mósca e odôres.

Mas do Rio nem é bom falar. Se queremos que venham visitas, vamos, pelo menos, limpar nossa casa. Assim, dá vergonha — e não dá dólares.